

REPRESENTAÇÃO SOCIAL NO POEMA MENINOS CARVOEIROS, DE MANUEL BANDEIRA

Í. E. A. Santos¹, E. B. G. Costa²

E-mail: ivinaelionay@hotmail.com¹, elis_bgc@hotmail.com²

RESUMO:

O presente trabalho trata de um estudo acerca do poema **Meninos Carvoeiros**, de Manuel Bandeira, procurando analisar como nele se inscreve a representação social da pobreza e da infância. Para tanto, tomamos como aporte teórico os conceitos de representação social, de Jodelet (1985) e Moscovici (2004) por se tratar de um gênero textual que se define por uma particularidade de linguagem – a poesia – veremos também como algo que a princípio é visto como material de delicadeza e pura leveza traz à sua expressão um modo de ver a realidade social de forma crítica e reflexiva. Podemos dizer, então, que do ponto de vista tradicional, por um lado, a poesia lírica sempre esteve voltada para a expressão do estado de alma e do sentimento individual dos poetas, longe de problematizar o mundo e a história, por outro na

modernidade vemos como os poetas fazem de suas composições uma forma de refletir criticamente acerca do mundo e dos homens, nesse sentido a poesia moderna não se deixa limitar à individualidade de seu criador para encarar o mundo como um mundo-problema. É esta a perspectiva que adotamos para estudar o poema de Manuel Bandeira, tendo em vista que ele se articula com a realidade social para nos fazer ver algo para além da primeira vista: crianças aparentemente felizes, sendo exploradas, exercendo atividade braçal no dia a dia, e perdendo ao decorrer do tempo características daquilo que realmente seria uma infância feliz. O poema se abre ao social, na medida em que pode ser visto como linguagem de denúncia quanto ao trabalho infantil, por isso mesmo trata ainda de uma temática atual e cara à nossa sociedade.

PALAVRAS- CHAVE: Poesia, Representação social, Trabalho Infantil, Pobreza

SOCIAL REPRESENTATION IN BOYS POEM COLLIERS, MANUEL BANDEIRA

ABSTRACT:

The present work is a study of the poem Boys Charcoal, Manuel Bandeira, trying to analyze how it fits the social representation of poverty and childhood. Therefore, we take as the theoretical concepts of social representation of Jodelet (1985) and Moscovici (2004) because it is a genre that is defined by a particular language - poetry - something that will also see how the principle is viewed as material delicacy and lightness brings pure expression a way of seeing social reality in a critical and reflective. We can say, then, that the traditional view, on the one hand, poetry has always been focused on the expression of the state of mind and feeling of individual poets, far from questioning the world and history, the other in

modernity see how poets make their compositions a way to reflect critically about the world and men, in this sense modern poetry leaves no limit to the individuality of its creator to face the world as a world-problem. It is this perspective that we adopt to study the poem by Manuel Bandeira, considering that it articulates with the social reality to make us see something beyond the first sight: seemingly happy children being exploited by exerting manual activity on a daily and over time losing the characteristics of what would be a really happy childhood. The poem opens the social, in that it can be seen as a language of complaint concerning child labor, so it is still a current issue and costly to our society

KEY WORDS: Poetry, Social representation, Child Labor, Poverty

1 INTRODUÇÃO

Existem alguns fatores interligados desde muito tempo em nossa sociedade: Pobreza, trabalho infantil, miséria e demais agravantes desses fatores. Neste trabalho, pretendemos refletir acerca da representação social da pobreza e do trabalho infantil que inscreve no poema de Manuel Bandeira, **Meninos Carvoeiros**, procurando analisá-lo em sua relação com a sociedade. Apresentando vivências de situações de pobreza, o autor nos deixa refletir acerca de suas implicações sobre os indivíduos e formação de uma estrutura sociopolítica. Sob essa perspectiva, acreditamos que a poesia de Manuel Bandeira revela questões para além de seu estado de espírito ou de seu sentimento individual, haja vista que também se apresenta aos nossos olhos como um discurso capaz de problematizar os homens e a sociedade, apreendendo o mundo como um mundo-problema. A respeito da poesia moderna, gostaríamos de afirmar com José Guilherme Merquior (1965, p. 166), em seu livro **Razão do poema**: “A lírica contemporânea tende a uma abertura ao social. A poesia se rende e se aumenta no esforço de interpretar o mundo.” Dessa forma, segundo o autor, a poesia torna-se crítica da sociedade e discute valores.

O autor ainda nos diz que a “poesia não necessita mais que indicar problemas; ela permanece alheio a soluções”. Para nós, é nessa direção que está o poema de Manuel Bandeira: se ele não é capaz de oferecer soluções aos problemas sociais, não significa que deixe de ter sua importância entre nós, pois a sua função de indicador dos impasses da vida é suficiente para levar o leitor a refletir criticamente acerca da realidade que o circunda, tornando-se uma pessoa muito melhor para ver a vida e a si mesmo.

No Brasil é comum ouvirmos expressões que definem o estudo da literatura como puramente decorativo, isso porque se tem em mente uma ideia ultrapassada de que este estudo se restringe unicamente à memorização de datas e definições de escolas literárias. Ao contrário desse entendimento, é preciso se adotar uma perspectiva de estudo que leve em consideração a função social que a literatura tem, na compreensão do homem em sociedade, revelando as contradições que lhe são inerentes, bem como os paradoxos da vida.

O poema **Meninos Carvoeiros**, de Manuel Bandeira, traz aspectos relacionados à pobreza e ao trabalho infantil como representação da vida social brasileira, sem que percamos de vista a poesia como um gênero textual de natureza específica.

2 METODOLOGIA

Nosso método de trabalho consiste em articular texto e contexto social, partindo de uma reflexão sobre como a poesia se articula na sociedade e sua função social, a fim de ver como no texto poético de Manuel Bandeira se inscreve a representação social da pobreza e do trabalho infantil. Isso significa que nossa abordagem pressupõe ler o poema em estudo à luz do conceito de representação social, mas sempre privilegiando, sobretudo o texto poético.

A partir de uma perspectiva de estudo que compreende a relação entre literatura e sociedade, analisaremos o poema **Meninos Carvoeiros**, de Manuel Bandeira, procurando

identificar que aspectos sociais são por ele ressaltados. Este poema traz uma representação de temas caros à nossa sociedade, mais especificamente no que se refere à pobreza e ao trabalho infantil. É este o procedimento adotado em nossa análise sobre o referido poema, tendo em vista que ele se relaciona com a realidade social para nos fazer ver algo para além da primeira vista: crianças aparentemente felizes, sendo exploradas, exercendo atividade braçal no dia a dia, e perdendo ao decorrer do tempo a possibilidade de vivenciar realmente uma infância feliz.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para procedermos à análise de **Meninos carvoeiros**, de Manuel Bandeira, tomamos como aporte teórico o conceito de representação social, de Jodelet (1985) e Moscovici (1985), de reflexões teóricas acerca da função da poesia e da literatura, segundo a formulação de Antonio Candido (2004), em **O direito à literatura** e Antoine Compagnon (2009), em **Literatura para quê**, considerando que estes últimos autores citados trazem um fio condutor comum às suas reflexões: a literatura como um projeto de conhecimento capaz de humanizar as pessoas e contribuir para se atingir o que há de humanidade no homem. Reproduzimos aqui três questionamentos feito por Compagnon no referido livro, a saber: a) Quais valores a literatura pode criar e transmitir ao mundo atual?; b) Que lugar deve ser o seu no espaço público?; c) Ela é útil para a vida? A resposta a estas perguntas assinalam positivamente para se pensar na pertinência da literatura em nossas vidas, no que ela é capaz de nos dar como projeto de conhecimento acerca da condição humana. Segundo Candido (2004, p. 175), a literatura “[...] é fator indispensável de humanização, e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade [...] Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo”. Dessa importância também dirá Compagnon (2009, p. 26), a literatura é um “exercício de reflexão e experiência de escrita, a literatura responde a um projeto de conhecimento do homem e do mundo”.

Um dos traços marcantes da sociedade brasileira não está relacionado à “ordem e progresso”, essa afirmação se dá devido a uma constante permanência de agravantes sociais, contrastes e desigualdades que, estando presente em épocas distintas, se dá de forma muitas vezes camuflada. No Brasil, é comum se pregar a ideia de democracia e direitos iguais, quando na verdade a realidade é bem diferente. A literatura, ao contrário das ideologias que sempre procuraram legitimar o poder e as verdades instituídas, o que tem provocado muitos impasses sociais e históricos às escondidas, procura dar visibilidade ao que antes não se via. É que ela ressalta do nosso dia a dia aquilo que a ideologia esconde. Dessa forma, ganha destaque a partir do momento em que nos leva a rever os mecanismos sociais que durante a história apenas reproduziram de forma intensa a pobreza e a exploração dos mais fragilizados. Nessa categoria, entram o negro, a mulher, a criança, o mendigo, o menino de rua, etc., bem como problemas aí subjacentes como a prostituição e a violência, por exemplo, que se inscrevem no texto literário contrariando dogmas e modelos sociais antigos.

Os modelos políticos antigamente assumiam um caráter mais opressivo como na época da ditadura militar, nesse momento os artistas já utilizavam da literatura e da arte para criticar e

fazer refletir acerca das injustiças ocorridas. O sistema social no qual vivemos, o capitalismo, é sem dúvida alguma um dos agravantes da desigualdade social, conseqüentemente da pobreza, fazendo com que as crianças se vejam obrigadas a trabalhar cada vez mais cedo para garantir seu próprio sustento, deixando, portanto, de frequentar escolas e garantir uma boa educação, dessa forma crescem sem chances no mundo de trabalho capitalista que não leva em conta o que você é, mas o que você tem, e a quantidade de lucros que você pode render. É aí que observamos a face mais severa e obscura do sistema político que conduz o indivíduo a se preocupar cada vez mais com a materialidade e o individualismo, distanciado de uma compreensão de que a vida só se dá em sociedade, pois o coletivo deve prevalecer sobre o individualismo.

A literatura como instrumento de denúncia social, nos ajuda a entender aspectos sociais que há muito perduram. Sobre esta temática, Marcos Alexandre (2004, p.131) define assim as representações sociais:

São formas de conhecimento que se manifestam como elementos cognitivos (imagens, conceitos, categorias, teorias), mas que não se reduzem apenas aos conhecimentos cognitivos. Sendo socialmente elaboradas e compartilhadas, contribuem para a construção de uma realidade comum, possibilitando a comunicação entre os indivíduos. Dessa maneira, as representações são fenômenos sociais que têm de ser entendidos a partir do seu contexto de produção, isto é, a partir das funções simbólicas e ideológicas a que servem e das formas de comunicação onde circulam.

De acordo com Jodelet (1985), pode-se pensar as representações sociais como modalidades de conhecimento da vida em sociedade destinadas à compreensão da realidade ou do contexto social onde os indivíduos atuam e se relacionam uns com os outros. Trata-se de imagens, conceitos, teorias e categorias elaboradas com fins específicos: contribuir para a construção de uma realidade comum e partilhada entre as pessoas. Nesse sentido, as representações implicam em interpretação da realidade, bem como na elaboração de conhecimentos. Pensada assim, “são conjuntos dinâmicos, seu status é o de uma produção de comportamentos e de relações com o meio ambiente, de uma ação que modifica aquelas e estas e não de uma reprodução desses comportamentos ou dessas relações, de uma reação a um dado estímulo exterior”. (MOSCOVICI *apud* HOROCHOVSKI, 2004, p. 99). Isso diz respeito ao modo como os homens se organizam socialmente, como eles pensam, agem, criam imagem do mundo, das pessoas e de si mesmo, ou seja, à “maneira pela qual os seres humanos tentam captar e compreender as coisas que os circundam e resolver os ‘lugares comuns’ e quebra-cabeças que envolvem seu nascimento, seus corpos, suas humilhações, o céu que vêem, os humores de seu vizinho e o poder a que se submetem”. (ibid)

O estudo da literatura foi e continua sendo de extrema importância para a sociedade e cidadania, por meio dela podemos compreender o próprio comportamento humano no decorrer do tempo, suas variações, contradições etc. Nesse sentido, da mesma forma que o comportamento humano muda, as intenções comunicativas presentes nos textos com o tempo também mudam em seus mais variados aspectos. A esse respeito os poemas, antes quase que exclusivamente voltados para representar o estado de alma do poeta, na contemplação do mundo, também passam a refletir acerca dos problemas e injustiças sociais. Quanto a isso,

Todorov (2012, p. 77) diz que “como a filosofia e as ciências humanas, a literatura é pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos. A realidade que a literatura aspira compreender é, simplesmente (mas, ao mesmo tempo, nada é assim tão complexo), a experiência humana”.

Em semelhante perspectiva, Compagnon (2009, p. 47), em seu livro **Literatura para quê?**, toma a literatura como projeto de conhecimento do homem e da vida. Em sua fala

A literatura deve, portanto, ser lida e estudada porque oferece um meio - alguns dirão até mesmo o único - de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos.

Também no trato dado à função da literatura em sua relação com a vida social, Antonio Candido (2004, p.176), no texto *O direito à literatura*, discute como a literatura comporta um discurso e uma estética capaz de dar ao homem uma cota de humanidade, na medida em que faz com que as pessoas enxerguem melhor o mundo, o seu semelhante, e a si mesmo. Dessa forma, ele afirma que “A função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório)”.

Nessa perspectiva, o poema de Manuel Bandeira traz uma mensagem importante sobre a nossa sociedade, já que, sendo uma representação social da pobreza (*crianças raquíticas, burros magrinhos*) e do trabalho infantil (*meninos carvoeiros*) nos conscientiza acerca dos problemas da vida cotidiana, e nesse sentido nos faz enxergar melhor o mundo e seus dilemas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Meninos Carvoeiros (Manuel Bandeira)

Os meninos carvoeiros

Passam a caminho da cidade.

- Eh, carvoero!

E vão tocando os animais com um relho enorme.

Os burros são magrinhos e velhos.

Cada um leva seis sacos de carvão de lenha.

A aniagem é toda remendada.

Os carvões caem.

(Pela boca da noite vem uma velhinha que os recolhe, dobrando-se com um gemido.)

- Eh, carvoero!

Só mesmo estas crianças raquíticas

Vão bem com estes burrinhos descadeirados.

A madrugada ingênua parece feita para eles...

Pequenina, ingênua miséria!

Adoráveis carvoeirinhos que trabalhais como se brincásseis!

-Eh, carvoero!

Quando voltam, vêm mordendo num pão encarvoado,

Encarapitados nas alimárias,

Apostando corrida,

Dançando, bamboleando nas cangalhas como espantalhos desamparados.

Manuel Bandeira tem um papel muito importante na literatura brasileira, com seu olhar atento frente às problematizações do mundo, ele repudia os “pobres” de espírito que parecem não enxergar os “pobres” economicamente. Desse modo, o autor dialoga com a sociedade e problemas que a mesma vem enfrentando, fazendo, portanto, com que seus textos sejam sempre atuais.

Ao ler o poema, logo percebemos que a sua estrutura difere do gênero puramente lírico, pois se abre a uma forma de narração, apresentando uma voz narrando uma história com personagens específicas: meninos, velhinha, burrinhos. Trata-se de um poema narrativo que aborda a representação de pessoas marginalizadas socialmente, ou que vivem fazendo da rua o lugar de seu trabalho. A questão é que a representação nesse caso diz respeito a situações vivenciadas por muitas crianças em várias regiões do Brasil: meninos que trabalham no dia a dia ao invés de viverem permanentemente nas escolas, o que acaba por gerar indignação. Quem sabe seja essa a razão que faz este tema fluir em meio aos escritos literários de forma a sensibilizar nossos olhares, a deixá-lo mais reflexivo acerca de problemas sociais que acontecem geral e silenciosamente, mas deixando cicatrizes físicas e psicológicas para aqueles que sofrem diante desse conflito. Enquanto muitos pensam que o trabalho infantil deixou de ser um problema atual, vemos as estatísticas do país mostrarem o contrário. Segundo o Portal dos Direitos da Criança e do Adolescente “Os últimos dados do Censo de 2010, divulgados no dia 12 de Junho de 2012, Dia Mundial de Combate ao Trabalho Infantil, revelam que, no Brasil, existem mais de 3 milhões de crianças e adolescentes, de 10 a 17 anos, ocupadas, ou seja, em situação de trabalho”

O trabalho infantil está entrelaçado com a sociedade e por isso aparece presente em obras literárias, como na de Manuel Bandeira, na medida em que o poeta apreende ou traz como temática de seu poema a representação da pobreza e do trabalho infantil. Vivemos em um mundo dividido entre tantas classes sociais, em qual delas uma criança pobre estaria inserida? A esse respeito Eduardo Aguiar Bezerra afirma que “o trabalho constitui-se, portanto, como um valor com importante significado para o processo de socialização da criança pobre”. Ele ainda diz que

Apesar desta concepção, na realidade o que se percebe no contexto do trabalho infantil, além do aspecto de exploração e degradação pessoal a que a maioria destas crianças está submetida, é um forte conflito entre o desejo de trabalhar e a aspiração de serem inseridas no que consideram o mundo aceito socialmente, através da frequência à escola e do acesso a uma aprendizagem profissional.

Em **Meninos Carvoeiros**, podemos observar todo um cenário de pobreza e trabalho escravo que percorria e/ou percorre a sociedade, mais especificamente no que se refere à infância. Em suas primeiras palavras, o poeta já nos deixa criar em mente um cenário diferente daquele que normalmente as crianças estão inseridas, ele que aparece como observador crítico e reflexivo, não está descrevendo meninos em parques, circos ou escolas. Em seu poema, o poeta fez uso de um adjetivo – “carvoeiro” - para caracteriza a simplicidade e a classe social a que pertence os “meninos”, a nos dizer que se trata de indivíduos simples e pobres. Ou seja, ele deixa claro que vai tratar de meninos trabalhadores, que ainda sendo crianças percorriam a cidade trabalhando, “tocando os animais com um relho enorme”. Portanto, as crianças são definidas não segundo características comuns a sua idade, mas segundo o trabalho que executam, sendo então

limitadas unicamente a um adjetivo: carvoeiros. É aí que começa a aparecer traços de pobreza e também do trabalho infantil.

Conceituar pobreza é algo que diverge entre vários autores, visto que gera dentre outras coisas o desrespeito e desvalorização do ser humano, porém sabemos que esta se insere na literatura não com um olhar acrítico, mas de modo a nos fazer questionar acerca da condição humana mediante a realidade social. Para Joel Rufino, os pobres

[...] são os despossuídos, não de qualquer posse, mas de território, de casa, de emprego (embora não de trabalho) de local, (embora não de lugar) de família (embora não de nome) e enfim, do próprio corpo (no caso dos escravos e servos da Colônia e Império). São em suma, um estado nômade ou vagabundo [...]. (SANTOS 2004, *apud* BAHIA, 2010, p. 3).

A segunda estrofe vem nos trazer uma mensagem a mais, pois o eu lírico amplia o seu olhar que se volta inclusive aos animais, e é aí que vemos a ideia de pobreza sendo intensificada. Temos, nesse caso, a imagem da dureza do trabalho e de todo sofrimento ser expandida para além dos meninos, alcançando o restante do ambiente: *burrinhos magrinhos e velhos, aniagem remendada*, carvões que caem. No verso “Os burros são magrinhos e velhos”, destaca-se a questão da miséria, corpos que mesmo raquíticos e magros, pela fome e sofrimento, continuavam sendo explorados para o trabalho, nesse momento quem os explora são os próprios *meninos carvoeiros*, mas quem sabe não fosse por maldade e sim por aquela ser a única alternativa que lhes restava: trabalhar para sobreviver e usar os meios que lhes fosse acessível, inclusive animais em más situações, assim como a das crianças. Ao ler “Cada um leva seis sacos de carvão de lenha”, percebemos que o esforço era enorme e que os seres que viviam em meio a todo esse ambiente de dor ficavam sobrecarregados de serviço.

Nesse cenário, também surge a figura de uma velhinha que aparece para dar ênfase ao que já se vinha dizendo, já que por mais uma vez, por meio dessa personagem, enxergamos a pobreza claramente. A velhinha que aparece meio que inesperadamente em um único verso do poema, não está ali de forma incoerente, talvez como forma de o poeta revelar duas realidades diferentes e, ao mesmo tempo, iguais: de um lado a infância abandonada; de outro, uma velhinha abandonada, mas tendo também uma realidade comum: a pobreza e a miséria.

Dessa maneira, a dor enfrentada de se trabalhar ainda menino, parece amadurecer juntamente com a criança que um dia adulto vai refletir traços daquilo que presenciou no meio social em que viveu, quem sabe essa criança explorada torne-se exploradora ou continue sendo violentada pela pobreza e sistema social e político que rege a sociedade.

Destaca-se dessa forma um enorme ciclo de exploração que gira em torno da sociedade, enquanto pessoas com melhores condições sociais exploram as crianças, estas reproduzem esse mal e exploram os animais. No decorrer do poema, vemos uma aproximação feita entre os meninos carvoeiros e os animais: “Só mesmo estas crianças raquíticas /Vão bem com estes burrinhos descadeirados”. Ao analisarmos essa aproximação percebemos que ambos têm alguns fatores em comum: trabalho, exploração, pobreza, sofrimento, corpos raquíticos. Os burrinhos, animais de carga, são descritos igualmente às crianças, porém estas acabam levando sobre si bem mais que seis sacos de carvão como fazem os animais, pois como

seres racionais acabam por perder pouco a pouco a própria dignidade, e quem sabe essa seja uma dor maior que a da fome, pois sem dignidade perdem conseqüentemente o respeito e o sentido da cidadania.

Nos versos seguintes, animais e crianças continuam sendo comparados, de tal forma que quando lemos: “A madrugada ingênua parece feita para eles.../Pequenina, ingênua miséria!”, sabemos que a ingenuidade é própria das crianças, porém nesse caso se refere tanto a elas como aos animais, o que nos faz perceber que o eu lírico observava além das aparências de ambos (magros, pobres, raquíticos), como também o seu jeito de ser ingênuo, o que talvez pudesse lhes permitir que suas dores fossem amenizadas. Porque essa característica, *ingênua*, lhes permitia não entender bem ao certo a gravidade de tudo o que entre eles ocorria, já que todos partilhavam de uma mesma situação: exploração e miséria.

No seguinte verso observamos que o termo “adoráveis carvoeirinhos” aparece no diminutivo podendo demonstrar tanto um laço de caráter mais afetivo e carinhoso como também o fato do eu lírico está se referindo as crianças. Existe portanto um claro paradoxo, um absurdo observado nessa cena: os *meninos carvoeirinhos* trabalham como se estivessem brincando. Diferente das outras crianças, vemos que neste cenário existem crianças que tiveram sua infância sacrificada, perderam o significado daquilo que realmente seria brincar já que a sua própria condição social impôs que o trabalho era necessário, e se a vida deles era resumida /limitada a isto, toda a sua concepção de vida girava em torno de seu trabalho que acabou se tornando inclusive uma “brincadeira”.

Como fruto de todo seu esforço e trabalho, vemos que os *carvoeirinhos* ganham sua recompensa: “Quando voltam, vêm mordendo num pão encarvoado”. Aqui, vemos um dos maiores problemas sociais que como tantos outros é regido pela desigualdade, pois enquanto uns trabalham pouco e ganham muito dinheiro e prestígio, outros trabalham demais só que em troca disso recebem salários baixos desproporcionais ao trabalho que exercem e essas são geralmente pessoas anônimas, sem voz na sociedade. Os carvoeiros que não têm condições ao menos de comer um pão em bom estado, acabam comendo-o *encarvoado*, sinal de miséria e decadência do ser, já que diz respeito a situação desumana. Contudo, é somente nos últimos versos que vemos as crianças aparentemente, em uma primeira leitura, brincando, usufruindo de sua ingenuidade e em meio a tanto sofrimento: “Dançando, bamboleando nas cangalhas como espantalhos desamparados”. A esse respeito Wilson José Flores Jr (2010) diz que

(...) a dança e o bamboleio, mencionados no início do último verso, são brincadeiras, mas, como ocorrem “nas cangalhas”, parecem ser, eles mesmos, um pouco involuntários, uma vez que podem ser apenas resultado do movimento dos animais, de forma que seria o eu-lírico que estaria conferindo a dignidade de brinquedo a algo que talvez seja apenas expressão do cansaço da volta do trabalho.

Assim percebemos que a imagem de “infância feliz” é desconstruída a partir do momento que vemos o poeta descrever a realidade sem máscaras: a injustiça social não escolhe idade, espalha um sofrimento que parece crescer junto com as crianças, junto com os indivíduos, amadurecendo e estando entrelaçada com cada um deles, além disso cada criança carrega em si

experiências externas que interferem diretamente na formação de seu caráter. Sobre isso Eliana Yunes aponta que

Ao nascer, a criança se encontra em um grupo social que simultaneamente a acolhe e repele: a consciência de si mesma, a identidade cultural se desenvolve pelas sucessivas interações com os outros. Estas relações não são contudo espontâneas e 'naturais' mas correspondem a um padrão ou modelo que cada cultura sistematiza como expressão que lhe parece adequada à sua experiência coletiva. (YUNES 1986, *apud* BARRETO, 2006, p, 23).

Manuel Bandeira revela, então, as crianças que trabalham nas ruas e perdem as suas espontaneidades e sua naturalidade, empurradas que são para fora da escola pelo sistema social opressor. A imagem da pobreza encontrada no poema corresponde ao que ocorre no cotidiano de muitas crianças brasileiras e no mundo, bem como a condição também de abandono vivenciado por muitos idosos. No poema de Bandeira podemos observar a representação da velhice como também da infância em um cenário de miséria e desigualdade social em que pessoas e animais sofrem e se confundem. Por meio de uma linguagem simples, o poeta nos traz em seu poema problemáticas sociais preocupantes que parecem esquecidas em um mundo onde parece “não se ter tempo” para enxergar os frutos da pobreza, tais como o trabalho infantil, a violência e a prostituição infantil, por exemplo.

5 CONCLUSÃO

Ao analisar o poema de Manuel Bandeira, foi possível perceber que o eu lírico diz de uma “ingênua miséria” relacionada a uma classe social a que pertencem os “meninos carvoeiros”, pequenas “crianças raquíticas” que trazem em si o peso e o reflexo da má distribuição de renda da sociedade brasileira. São seres precoces porque não aprenderam a viver como crianças, uma vez que no lugar de uma experiência de coisas espontâneas da vida infantil, os “meninos carvoeiros” se apresentam no poema na condição de trabalhadores braçais, assumindo, portanto, atividades próprias da vida adulta muito cedo. Sendo assim, o poeta nos faz refletir sobre uma problemática que há muito perdura em nosso meio e tem prejudicado a vida de milhares de pessoas, podendo gerar outros problemas maiores, tais como a marginalização e a violência.

A análise do referido poema também nos fez perceber como a poesia assume na sociedade um papel de extrema importância, não são apenas letras num papel, mas a voz de um povo disposto a indagar sobre a vida e sobre os homens. A representação social que de formas diversas aparece nos escritos literários nos leva a enxergar o mundo e problemas que a muito perduram em nosso meio, ao revelar aspectos da vida social, muitas vezes escondidos por interesses ideológicos. Escritores como Manuel Bandeira traduzem em seus textos o mundo e o nosso cotidiano, por isso mais que reproduzir a realidade, questionam, criticam, denunciam, reivindicam valores que até então continuavam invisíveis aos olhos da maioria.

Dessa forma, o estudo da literatura pode contribuir para a construção da nossa cidadania e pensamento crítico. Em Meninos Carvoeiros, observamos que problemas como a pobreza e o trabalho infantil se estendem de tempos antigos à atualidade, o que faz do tema uma recorrência

na literatura de tempos antigos e modernos.

6 REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Marcos Alexandre. **Representação Social: uma genealogia do conceito**. Disponível em <http://www.sinpro-rio.org.br/imagens/espaco-do-professor/sala-de-aula/marcos-alexandre/Artigo7.pdf> em 13 de maio 2013.

BARRETO, Cintia Cecília. **A representação da infância em Lya Luft**. Rio de Janeiro, 2006. 124 fls. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em <http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/BarretoCC.pdf> em 14 de maio de 2013.

BEZERRA, Eduardo Aguiar. O valor simbólico da escola e do trabalho: representações sociais das crianças trabalhadoras das camadas populares de Teresina – Piauí. In: **GT 07 – Infância, Juventude e Violência na Escola**. Disponível em http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2004/GT.7/GT7_8_2004.pdf em 10 de maio de 2013.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos: O direito à Literatura**. 4ª Ed. reorg pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para Quê?** Belo Horizonte: UFMG, 2009.

FLORES JR., Wilson José. Inconciliáveis carvoeirinhos ambivalências em “Meninos carvoeiros”, de Manuel Bandeira. in: **Texto poético. Revista do GT Teoria do texto poético (ANPOLL)**, 2010, vol. 8.

JODELET, D.,. La representación social: Fenómenos, concepto y teoría. In: **Psicologia Social** (S. Moscovici, org.). Barcelona: Paído, 1985, pp. 469-494.

HOROCHOVSKI, Marisete Teresinha Hoffmann. Representações Sociais: Delineamentos de uma Categoria Analítica. In: **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC** Vol. 2 nº 1 (2), janeiro-junho/2004, p. 92-106. Disponível em http://www.emtese.ufsc.br/2_art7.pdf. Acesso em 20/05/2013.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em Perigo**. 4ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012.

Páginas da WEB citadas no trabalho:

Trabalho infantil portal dos direitos humanos. Disponível em: <http://www.direitosdacrianca.org.br/temas/trabalho-infantil>. Acesso em 14 de maio de 2013.